

# O novo coronavírus em prisões da África

Em países do continente, os hospitais prisionais carecem de equipamentos e medicamentos, e dependem de doações de ONGs, órgãos religiosos, usuários e agências internacionais

**Simone Rodrigues Pinto**

26 de maio de 2020

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Presidente Cyril Ramaphosa, da África do Sul: país registra uma taxa de 300 prisioneiros para cada 100 mil habitantes

Em todos os países, a pandemia do novo coronavírus está mostrando as fragilidades dos sistemas prisionais. As unidades prisionais reúnem elementos que otimizam o avanço da doença, tais como superlotação (aglomeração imposta), péssimas condições de higiene, incidência de comorbidades como tuberculose e HIV, má alimentação e falta de assistência médica adequada. A pandemia terá ajudado a reabrir o debate sobre a saúde nas prisões? Em muitos países, onde o sistema de saúde é precário de forma geral, a saúde dos detentos aparece como discussão quase ilegítima, socialmente negada, invisível nas políticas públicas de saúde da população. É nas prisões que dois temas essenciais se encontram: saúde e segurança. Neste encontro, vários direitos entram em choque e revelam as tensões latentes em nossas sociedades. Em geral a lógica da segurança prevalece sobre a da saúde e vida dos presos. Isso é justiça?

O caso do continente africano tem suas peculiaridades, mas muitas ações podem colocar em contexto o Brasil. Diferentemente do Brasil, o índice de encarceramento nos países africanos, de forma geral, é bem mais baixo, ainda que haja variações importantes. Se a África do Sul se destaca, com uma taxa aproximando-se de 300 prisioneiros por 100 mil habitantes, esse não é o caso em Burkina Faso, que possui menos de 50 prisioneiros por 100 mil habitantes. Quanto a Camarões, seus números são próximos aos da França, pairando em torno de 100 detentos por 100 mil. No Senegal, em 2019, [a população carcerária era estimada em 11.547 prisioneiros](#), uma média de 68 prisioneiros por 100 mil habitantes.

Em muitos países africanos, os hospitais prisionais, quando existem, carecem de equipamentos e medicamentos e dependem de doações de ONGs, órgãos religiosos, usuários e agências internacionais. Neste sentido, se não houver uma atenção adequada aos detentos sujeitos à contaminação por Covid-19, os leitos de hospitais públicos ou privados poderão ser destinados somente aos egressos do sistema prisional contaminados e dependentes de internação. Ou os que cumprem penas não têm direito à vida? Em muitos países africanos, são os próprios detentos que são destacados para o atendimento à saúde interna, quando têm treinamento prévio ao encarceramento ou algum tipo de experiência com a doença.

Mas, ao contrário do que expressa o senso comum, as prisões não são lugares isolados, separados por muros incontornáveis. A circulação de agentes penitenciários, policiais penais e outros funcionários põe em risco a saúde de todos, dentro das unidades prisionais e fora delas, criando uma porosidade perigosa entre os dois ambientes. Na maioria dos países, as visitas de familiares e de advogados foram proibidas. Em Moçambique, todas as visitas estão suspensas. Parentes de detentos ainda podem levar encomendas e refeições, especialmente para prisioneiros diabéticos. [Mas esta não é a realidade em outros países](#). É essencial insistir na dependência dos presos de suas famílias (por dinheiro, comida, remédios e apoio moral) e, inversamente, na dependência das famílias de certos presos que conseguem realizar atividades que geram renda (informal ou criminal). Quebrar esse vínculo pode ter efeitos devastadores na vida dos prisioneiros e de seus parentes.

A suspensão total de audiências, oitivas e interrogatórios como na Guiné, no Senegal ou mesmo parcialmente como no Gabão está gerando restrição de direitos e debates sobre os impactos no cumprimento da pena. O Tribunal de Apelação de Nairóbi emitiu 89 decisões a [partir de audiências por videoconferência desde 16 de março](#). Estes últimos dizem respeito a pessoas detidas nas prisões de Kamiti, Garissa, Kisumu e Kitengela. Outros países estão buscando soluções semelhantes para a continuidade dos trâmites, mas muito lentamente.

A medida mais difundida para amenizar a situação no sistema prisional é o desencarceramento massivo para promover um rápido (porém paliativo) alívio da superlotação. Há que se ressaltar a enorme resistência social a esta medida. Em Gana, o vice-diretor da prisão de Kumasi instou o governo a continuar descongestionando as prisões e apelou aos seus concidadãos que parem de estigmatizar ex-prisioneiros e os ajude a se reintegrarem.

Como medida de desencarceramento, a Etiópia recorreu ao perdão presidencial nas prisões de Kilinto, Shewarobit, Ziway, Dire Dawa e Qualiti. O comissário federal das prisões diz que [40 mil prisioneiros foram libertados desde março](#), de uma população prisional inicial de 110 mil. No Marrocos, o rei perdoou 5.654 prisioneiros. No Quênia, os presos da prisão de Shimo La Tewa completam suas sentenças em casa, prestando serviço comunitário. O Níger também anunciou que havia libertado 1.540 detidos. No Senegal, o [presidente perdoou 2.036 detidos](#), condenados por vários delitos e presos em vários estabelecimentos penitenciários em todo o país. Em Moçambique, o parlamento aprovou uma lei de [anistia para 5.032 prisioneiros](#) condenados a menos de um ano de prisão.

Apesar de todas as medidas tomadas em relação à propagação da doença no sistema prisional, o número de contaminados e de mortes por Covid-19 são altos e é difícil manter a atualização dos dados. Minha intenção é chamar a atenção para a necessidade de levar a análise da situação adiante e refletir sobre o lugar das instituições penitenciárias nas políticas públicas de saúde, bem como sobre as dimensões políticas de tal discussão.

#### **Simone Rodrigues Pinto**

Cientista política, professora da Universidade de Brasília e coordenadora da ROAD (International Research Network and Observatory on Global Enforced Disappearance)

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/template-1-seguranca-no-mundo-8o56u-ycqrt-sc24r-tafaf-6gr5n-vibpm-2jr9s-n6aes-q5227-mpg9r-kdxox>

